

África no Tabuleiro de Xadrez Mundial: Estruturas, Desafios e Oportunidades

Teresa Rodrigues

IPRI-NOVA

José Félix Ribeiro

IPRI-NOVA

Resumo

África é hoje um “Continente do Mundo”, no duplo sentido dos desafios que a sua evolução coloca à economia mundial e das oportunidades que o seu grau de (in)sucesso abrirá aos múltiplos parceiros externos que, em número crescente, têm manifestado interesse em reforçar os laços geoeconómicos e geopolíticos com os Estados africanos. Com base na análise de vários indicadores, este artigo tem como objetivos: (i) identificar as múltiplas realidades internamente coexistentes no continente africano hoje; (ii) propor uma divisão macrorregional para África; (iii) discutir os relacionamentos externos que nos próximos anos consideramos poderem desempenhar um papel significativo no posicionamento do continente africano no xadrez internacional.

Palavras-chave: África; Regiões; Demografia; Desenvolvimento; Política Externa.

Abstract

Africa is today a “Continent of the World”, in the double sense of the challenges that its evolution poses to the world economy and the opportunities that its degree of (un)success will open up to the multiple external partners who, in increasing numbers, have expressed an interest in strengthening geo-economics and geopolitical ties with the African States. Based on the analysis of several indicators, this article aims to: (i) identify the multiple realities internally coexisting in the African continent today; (ii) propose a macro-regional division for Africa; (iii) discuss the external relationships that in the coming years we consider to be able to play a significant role in the positioning of the African continent in the international chessboard.

Keywords: Africa; Regions; Demography; Development; Foreign Policy.

Artigo recebido: 10.09.2024

Aprovado: 13.09.2024

<https://doi.org/10.47906/ND2024.168.06>

Introdução

África é hoje um “Continente do Mundo”, no duplo sentido dos desafios que a sua evolução coloca à economia mundial e das oportunidades que o seu grau de (in)sucesso abrirá aos múltiplos parceiros externos que, em número crescente, têm manifestado interesse em reforçar os laços geoeconómicos e geopolíticos com os Estados africanos.

Com base na análise de vários indicadores, este artigo tem três objetivos principais: (i) identificar as múltiplas realidades internamente coexistentes no continente africano; (ii) propor uma divisão macrorregional para África; (iii) discutir os relacionamentos externos que nos próximos anos consideramos poderem desempenhar um papel significativo no posicionamento do continente africano no xadrez internacional.

Tendo em vista a concretização destes objetivos, o texto está dividido em seis pontos e uma conclusão final. Numa primeira parte falaremos dos aspetos estruturais que permitem traçar um retrato do continente africano, composto por 54 Estados políticos e uma significativa diversidade em termos étnicos, linguísticos e religiosos, mas também do tecido económico e social e estabilidade política, a que acrescem ainda as características de ordem geográfica e riquezas naturais. Segue-se a identificação do que consideramos serem os principais desafios, oportunidades e riscos que emergem da estrutura previamente identificada e uma proposta de visão diferenciadora em termos macrorregionais da história, da geoeconomia e da geopolítica africanas. O ponto quatro é dedicado às dinâmicas demográficas e discute o modo como as características e dinâmicas atuais e futuras da população africana se distinguem de todas as outras e representam riscos, mas também oportunidades de caráter endógeno para a atualidade e sobretudo para as próximas décadas. A esta visão atual e também prospetiva sobrepõe-se, no ponto cinco, a rede de conectividade global do continente africano e das redes de proximidade internas, que permitem dividir África em sete sub-regiões. O texto termina com quatro exemplos de atores externos que se destacam pelo seu interesse nessas regiões africanas previamente identificadas: Estados Unidos, República Popular da China, Índia e Federação Russa.

1. Aspetos Estruturais

Em termos metodológicos, começamos por olhar a realidade atual do continente africano de um modo abrangente. Esse exercício prevê a identificação de um conjunto de aspetos ou vetores que entendemos geográfica e historicamente estruturantes e permitem explicar a atual diversidade interna e abrir caminho para futuros também diversos. Esse conhecimento multidimensional permitirá encontrar sub-regiões com identidades distintas. Como veremos, essas sub-regiões nem sempre coincidem

Democrática do Congo. É uma região que difere das restantes zonas, porque não é construída com base em similaridades históricas, políticas ou económicas; o quarto grupo de países forma a África Ocidental. Está localizado entre o deserto do Saara e o Golfo da Guiné e inclui os territórios do Níger, Senegal, Mauritânia, Gana, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Togo, entre outros; por fim, a África Oriental, composta por países situados entre a bacia hidrográfica do Congo e o Oceano Índico (Mundo Educação, 2024).

Partindo desta proposta de divisão territorial do continente efetuamos um primeiro esforço de análise baseado em indicadores de natureza diversa, que permitiram identificar um total de dez vetores que consideramos constituírem o ponto de partida para uma nova proposta de divisão macrorregional (Ribeiro, 2023). São eles:

1. A geografia física africana e o seu impacto na geografia do povoamento, incluindo neste vetor o papel das estruturas familiares na dinâmica demográfica e o papel da mulher nas sociedades africanas;
2. A especialização internacional de África, nomeadamente uma total dependência face à exportação de *commodities* agrícolas, mineiras e energéticas, com ciclos de preços que se repetem e com limitado impacto na criação de emprego;
3. O papel-chave da agricultura de subsistência para a maioria da população rural, agravada pela sua elevada dependência face às condições climáticas, designadamente de pluviosidade;
4. Os recursos hídricos e o modo como condicionam a abundância física e/ou escassez alimentar, condições sanitárias da população e dinamismo económico;
5. A urbanização de África, feita a ritmos intensos e a importância das megacidades, onde predomina uma oferta limitada de condições básicas e qualidade de vida;
6. Os padrões de urbanização e respetiva interação com o ambiente natural, de que decorrem riscos permanentes de zoonoses;
7. Os grupos étnicos e diversidade linguística e cultural que fragmentam o continente e que coexistem com migrações internas seculares que atravessaram o continente – veja-se, por exemplo, as migrações dos povos *bantus*;
8. A importância para os Estados pós-coloniais e nas relações entre Estados, que decorrem de formas de governação tradicional das populações com estruturas tribais e em muitos casos com uma implementação transfronteiriça;
9. A multiplicidade e potencial confronto entre as religiões autóctones e as religiões vindas do exterior, como o islamismo e o cristianismo, e respetivo mapa atual da sua influência;
10. Uma “tinta invisível” de antigos impérios e reinos, que constituíram as formas mais avançadas de governação antes da colonização europeia.

2. Desafios, Oportunidades e Riscos

Das características que parecem definir o perfil do continente africano em termos estruturais decorrem sete principais desafios, associados a dois grandes conjuntos de oportunidades, que coexistem com riscos de diferentes tipologias. O cruzamento destes desafios, oportunidades e riscos originam impactos de ordem e grau distintos nas diferentes sub-regiões que compõem e coexistem em África.

Desde logo destacamos entre os principais desafios os seguintes:

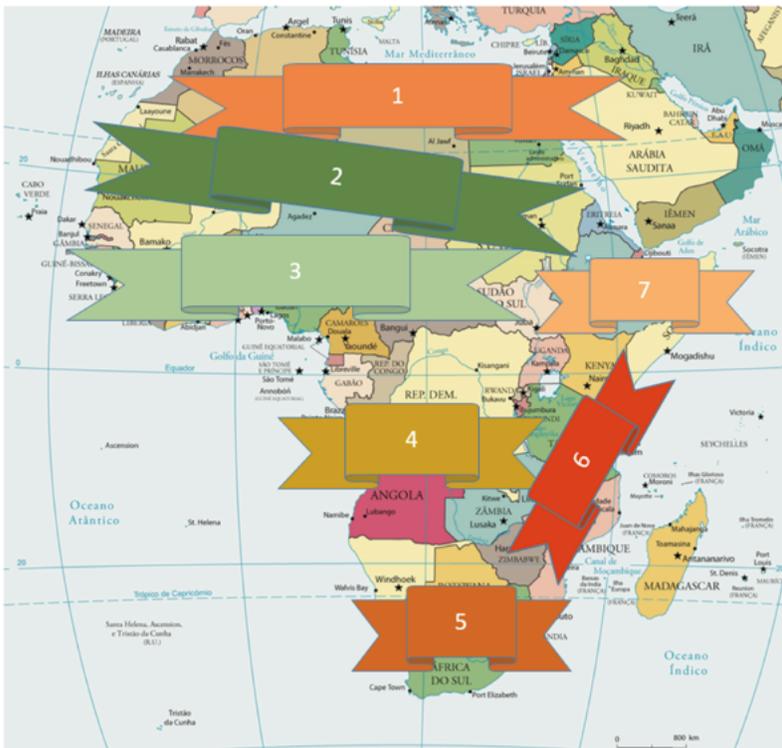
1. As alterações climáticas e a pressão sobre alguns recursos vitais, que podem ser especialmente gravosas atendendo ao ritmo de crescimento da população residente e ao aumento do consumo *per capita*;
2. A intensidade e a complexidade dos fluxos migratórios intercontinentais, explicados por fatores ambientais, instabilidade política e conflito, com um crescente número de migrações forçadas e aumento do volume de refugiados e de deslocados internos;
3. Indicadores pouco favoráveis em termos de governança, estabilidade política e corrupção;
4. Indicadores pouco favoráveis de desenvolvimento humano, em alguns casos a registarem uma tendência decrescente, acompanhados pelo aumento da desigualdade interna;
5. Indicadores pouco favoráveis de desenvolvimento económico e escassa flexibilidade do mercado de trabalho;
6. Indicadores pouco favoráveis de desenvolvimento e qualidade de vida, designadamente nos centros urbanos, que vão continuar a aumentar e colocam problemas complexos de gestão;
7. Escassa projeção global do continente africano e de cada um dos seus Estados nos domínios económico, militar e de *soft power*.

Estes desafios coexistem com as oportunidades abertas pela transformação tecnológica em curso e com oportunidades de carácter geoeconómico, que poderão traduzir-se na redução dos níveis de dependência alimentar das populações africanas. Mas estas oportunidades só podem ser rentabilizadas caso seja possível reduzir os efeitos negativos dos riscos associados à segurança e à estabilidade dos regimes políticos africanos. Na verdade, o continente apresenta indicadores pouco favoráveis ao nível de governança, solidez política e níveis elevados de corrupção. A escassa flexibilidade do mercado de trabalho, a luta pela posse de recursos, a distribuição assimétrica de riqueza e as tensões sociais e étnicas são causa e consequência da falta de estabilidade política e do falhanço das infraestruturas críticas.

3. Uma Visão Diferenciadora

Por todos os aspetos identificados nos pontos anteriores, e da ponderação do seu grau relativo de importância em termos das entidades nacionais presentes em África, foi possível criar um conjunto de sete sub-regiões, distintas em termos geoeconómicos e geopolíticos (Figura 2). Cada uma delas foi construída tendo em conta: as ligações que a história política destas sub-regiões anteriores à colonização europeia permitiu criar em África e fora dela (Figura 3); as tribos ainda hoje dominantes em cada região e respetiva relação histórica com o Islão; a importância externa dos recursos naturais e territoriais de cada região e a natureza dos fluxos comerciais em torno desses recursos (Figura 4); e os apoios externos (militares, políticos, económicos e financeiros) que caracterizam atualmente os países que compõem cada um dos grupos identificados.

Figura 2
A África das 7 sub-regiões



Fonte: Elaboração dos autores, com base em:
https://www.guiageo.com/africa-politico.htm#google_vignette

Figura 3
África. Mapeamento da Colonização Europeia em 1914



Fonte: The Metropolitan Museum of Art, Heilbrunn Timeline of Art History.

Figura 4
África. Recursos Naturais mais Abundantes por País (2020)



Fonte: <https://www.aljazeera.com/news/2018/2/20/mapping-africas-natural-resources>

Identificam-se de seguida cada uma dessas sete sub-regiões, os Estados que as compõem e respetivos elementos caracterizadores e diferenciadores face às restantes – as cores correspondem à proposta de divisão contemplada na Figura 2.

1
ÁFRICA DO NORTE – ESPAÇO MEDITERRÂNICO
Argélia – Egito – Líbia – Marrocos – Tunísia

- Estados que são herdeiros de Impérios e reinos pré colonização europeia, sob influência política islâmica e fortes relações com a Andaluzia;
- Estados com estreita relação estabelecida durante a colonização europeia com Estados do sul da Europa (França, Itália e Espanha) exceto o Egito, sob influência britânica;
- Países exportadores de petróleo e gás natural, como a Argélia, a Líbia e atualmente o Egito;
- Estados com fortes fluxos de emigração para a Europa e que funcionam também como países de trânsito de vagas migratórias provenientes da África subsaariana;
- Estados com diferentes alinhamentos atuais com potências exteriores à União Europeia (EUA, Rússia, Turquia e mais recentemente a República Popular da China);
- A Líbia a atravessar atualmente uma segunda guerra civil, depois de ter estado envolvida numa guerra por fronteiras com o Chade (1978-1987);
- Contágio possível com movimentos islamitas/terroristas da África saheliana.

2
ÁFRICA SAHELIANA – ESPAÇO SUDANÊS
Burkina Faso – Chade – Mali – Mauritânia – Níger – República Centro Africana – Sudão

- Espaços herdeiros dos Impérios islâmicos do Sahel (Gana, Mali, Songa e Bornu-Karen);
- Estados com insurreições islâmicas radicais ou movimentos secessionistas (caso do Darfur no Sudão);
- Estados que contam (ou contaram) com a presença de tropas francesas e de outros países europeus no combate a grupos terroristas e mais recentemente com mercenários de origem russa.

3
ÁFRICA OCIDENTAL
Benim – Cabo Verde – Camarões – Costa do Marfim – Gâmbia – Gana – Guiné-Bissau – Guiné Conacri – Guiné Equatorial – Libéria – Nigéria – S. Tomé e Príncipe – Senegal – Serra Leoa – Togo

- Espaço em que se concentram as maiores tribos africanas, várias delas islamizadas, e que participam atualmente em vários destes Estados, com destaque para a Nigéria;
- Centro de Reinos e Impérios anteriores à colonização europeia, intensamente envolvidos no comércio de escravos antes da colonização do seu interior pelas potências europeias, que aí instalaram feitorias costeiras para negociar ouro e escravos;
- Atualmente a Nigéria e a Guiné Equatorial são exportadores de petróleo e os restantes são exportadores de produtos agrícolas e de alguns minérios (como a bauxite).

4

ÁFRICA CENTRAL + ÁFRICA ATLÂNTICA + REGIÃO DOS GRANDES LAGOS
Angola – Burundi – Gabão – Congo e República Democrática do Congo – Ruanda
– Uganda – Zâmbia

- Grande região mineira e energética de África, em torno da República Democrática do Congo, da Zâmbia e de Angola;
- Região articulada por laços tribais da República Democrática do Congo com Estados da região dos Grandes Lagos (Ruanda e Burundi), onde se verificaram os conflitos mais violentos da África pós-colonial.

5

ÁFRICA AUSTRAL
África do Sul – Botsuana – Lesoto – Malawi – Namíbia – Suazilândia

- Outra grande região mineira de África, rica em ouro, diamantes e vários outros minérios de elevada procura atual (como o titânio);
- Local de implantação das tribos mais ricas de África (zulus, choças, sotos);
- Sem presença islâmica significativa;
- A África do Sul é o maior polo industrial e empresarial de África, integra o grupo dos BRICS e tem forte influência na União Africana.

6

ÁFRICA ORIENTAL
Cômoros – Madagáscar – Maiote – Maurícias – Moçambique – Quênia – Reunião
– Seicheles – Tanzânia – Zimbabué

- Região com forte ligação geoeconómica às Áfricas Austral e Central;
- Com presença islâmica histórica na Tanzânia, no norte de Moçambique e no norte do Quênia, assente em relações com Estados do Médio Oriente e Golfo Pérsico;
- Moçambique tem uma longa história de envio de trabalhadores para as minas da África do Sul;
- Em Moçambique e na Tanzânia têm vindo a ser descobertos importantes jazigos de gás natural, que coincide com o início de atuação do Estado islâmico em Cabo Delgado no Norte de Moçambique;
- Macrorregião com vocação de relacionamento com a Ásia do Sul e com a Ásia Pacífico;
- O Canal de Moçambique é um corredor de importância estratégica no acesso à África Austral.

7

CORNO DE ÁFRICA
Djibouti – Eritreia – Etiópia – Somália – Sudão do Sul

- Região de grande importância estratégica, na proximidade com o Mar Vermelho e com Estados árabes do Golfo Pérsico, o que explica a presença de bases militares de quatro Estados no Djibouti (França, EUA, China, Japão);
- A Somália tem funcionado como base de pirataria associada a movimentos islâmicos radicais;
- O papel geopolítico central nesta macrorregião cabe à Etiópia, império africano com uma longa história, atravessada na atualidade por conflitos tribais, que ameaçam a sua integridade territorial.

4. O *Puzzle Demográfico*

A análise demográfica ajuda a compreender os equilíbrios de poder do sistema internacional, as tensões entre Estados e dentro de um mesmo Estado e a probabilidade destas tensões se virem a agravar, permitindo atuar com base em informação objetiva a curto e médio prazo e prevenir fatores de risco. Consideramos o fator demográfico essencial para entender a realidade africana e queremos saber de que modo as características e dinâmicas atuais e futuras da população africana se distinguem de todas as outras e representam riscos, mas também oportunidades de caráter endógeno na atualidade e sobretudo nas próximas décadas. Será essa evolução uniforme em termos continentais ou marcada por diferenças significativas entre as sete sub-regiões identificadas? E qual o papel desempenhado pelos oito gigantes populacionais africanos, que em 2024 contam entre 50 e 230 milhões de residentes?

Com 1495 milhões de residentes, África é de longe o continente mais jovem do mundo, com 41% da sua população menor de 15 anos e apenas 3% maior de 65 anos (2024). A média etária ronda os 18 anos, consequência direta dos elevados níveis de fecundidade que se continuam a verificar na maioria dos 54 Estados que a compõem. Os 10 países com maior número médio de filhos por mulher do mundo são todos africanos. Também por este facto, África será o continente onde se espera o maior aumento populacional até 2050, podendo mesmo duplicar. Dos atuais 18,4% que hoje representa em termos mundiais, subirá para 25,6% até 2050 (Tabela 1). As Nações Unidas preveem que até meados do século XXI metade do aumento populacional do mundo estará concentrado em nove países, cinco dos quais africanos (Índia, Nigéria, Paquistão, R. D. Congo, Etiópia, Tanzânia, EUA, Indonésia, Uganda).

Desconhece-se, no entanto, como irá evoluir a trilogia população, recursos e desenvolvimento e até que ponto esta relação poderá originar focos de tensão a nível local e regional, dadas as dinâmicas sociodemográficas hoje existentes. Entre estas cumpre destacar o facto de os ritmos intensos de crescimento natural coexistirem com níveis de morbilidade e mortalidade elevados; com migrações que continuam a ser sobretudo de saída, permitindo até certo ponto reduzir tensões sociais nas zonas mais povoadas, mas com custos em termos de competitividade – “dividendo demográfico”; com níveis de urbanização em aumento rápido – em 2030 cerca de metade da população africana viverá em zonas urbanas, algumas muito populosas –, mas em condições socioeconómicas pouco satisfatórias – em bairros degradados, onde coexistem níveis elevados de desemprego, exclusão social, insegurança e economia paralela. Embora apresentem uma tendência média positiva, o Produto Interno Bruto (PIB) e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em África continuam a ser inferiores à média mundial e registam crescentes diferenças entre Estados.

Com efeito, confrontamo-nos na atualidade com uma África a várias velocidades, que comunga de realidades sociodemográficas maioritariamente idênticas, mas com um conjunto de situações distintas, observáveis nas sete sub-regiões consideradas neste artigo. Falamos de diferenças regionais entre as partes norte e sul do continente – com perfis demográficos mais semelhantes entre si – face às restantes; da vantagem socioeconómica das regiões dos “polos” – maior taxa de urbanização e PIB –, que embora apresentem estruturas etárias jovens têm um crescimento populacional mais lento. Este facto pode facilitar a existência um desenvolvimento económica mais regular e permitir melhorar os níveis de bem-estar e de segurança dos seus residentes. O contexto de segurança relativa e a existência de uma situação económica favorável torna a parte sul do continente um espaço atrativo para a imigração extra e sobretudo intracontinental.

Várias características e tendências sociodemográficas representam vantagens para o futuro próximo do continente, a primeira das quais resulta do potencial humano sem precedentes, que pode constituir uma janela de oportunidades em termos de equilíbrio ativos/inativos. Espera-se um aumento da esperança média de vida superior à média mundial resultante da redução da mortalidade infantil e juvenil e do aumento do número de anos de vida com saúde, que permitirá esbater parte das assimetrias internas de distribuição de bem-estar e qualidade de vida e terá impacto positivo em termos de acesso a cuidados de saúde e infraestruturas essenciais.

Na verdade, tudo pode melhorar em termos de indicadores demográficos e sociais. De destacar o aumento do nível de instrução e formação e maior equilíbrio de género; emprego mais qualificado e redução da percentagem dos jovens que não estudam e não trabalham; melhoria das condições de habitabilidade, sobretudo em contexto urbano; benefícios trazidos pela tecnologia e avanço da ciência, postos ao serviço da população para resolver parte da pressão sobre os recursos; e o esbater das assimetrias internas de distribuição de bem-estar e qualidade de vida.

O futuro depende da forma como serão resolvidos os maiores riscos que África como um todo enfrenta, nomeadamente de caráter geopolítico e económico (consolidação de estabilidade política, maior flexibilidade e especialização do mercado de trabalho e criação de infraestruturas essenciais), que continuam pautados por grandes diferenças regionais.

Tabela 1
África. Principais Indicadores Demográficos (2024-2050)

ANOS		2024					2030	2050
MUNDO	8 118 836						8 546 141	9 709 491
% Pop. Africana	18,41						20,02	25,59
ÁFRICA	1 494 989						1 710 661	2 485 131
	População	Idade Média	ISF	Densidade (P/Km ²)	% Pop. Urbana	Saldo Migratório	População estimada	População estimada

GRUPO 1 – ÁFRICA DO NORTE – ESPAÇO MEDITERRÂNIC

Argélia	45,606,480	28	2,8	19	75	-10,0	49787,283	60001,114
Egipto	112,716,598	24	2,8	113	41	-30,0	125151,725	160339,888
Líbia	6,888,388	27	2,4	4	82	-2,0	7394,813	8539,976
Marrocos	37,840,044	29	2,3	85	66	-40,0	40226,396	45044,99
Sahara Ocidental	587,259	32	2,2	2	95	5,6	662,726	851,066
Tunísia	12,458,223	32	2	80	69	-4,0	13100,768	14315,778
%	14,7	28,7	2,4	50,5	71,3	-13,4	13,8	11,6

GRUPO 2 – ÁFRICA SAHELIANA – ESPAÇO SUDANÊS

Burkina Faso	23,251,485	17	4,6	85	32	-25,0	27523,563	40541,548
Chade	18,278,568	15	6,1	15	24	-2,0	22460,393	36452,035
Mali	23,293,698	15	5,8	19	44	-40,0	28712,294	47439,803
Mauritânia	4,862,989	18	4,3	5	61	3,0	5830,562	8914,673
Níger	27,202,843	15	6,7	21	17	1,0	35217,942	67043,296
República Centro Africana	5,742,315	15	5,8	9	40	-14,7	7104,274	11533,423
Sudão do Sul	11,088,796	17	4,3	18	28	-23,3	12570,402	17460,846
%	7,8	16,0	5,4	24,6	35,1	-14,4	8,2	9,2

África no Tabuleiro de Xadrez Mundial: Estruturas, Desafios e Oportunidades

GRUPO 3 – ÁFRICA OCIDENTAL								
Benim	13,712,828	18	4,9	122	48	-200,0	16393,827	25264,035
Cabo Verde	598,682	27	1,9	149	67	-1,2	638,84	727,457
Camarões	28,647,293	18	4,3	61	58	-4,8	34051,102	51279,56
Costa do Marfim	28,873,034	18	4,3	91	52	6,0	34211,272	51358,242
Gâmbia	2,773,168	17	4,5	274	58	-3,0	3263,651	4673,742
Gana	34,121,985	21	3,5	150	57	-10,0	38775,85	52231,784
Guiné	14,190,612	18	4,2	58	40	-4,0	16622,387	23711,7
Guiné Equatorial	1,714,671	21	4,1	61	67	4	1999,678	2790,533
Guiné-Bissau	2,150,842	19	3,8	76	45	-1,4	2484,863	3445,289
Libéria	5,418,377	18	4	56	54	-5,0	6282,074	8890,7
Nigéria	223,804,632	17	5,1	246	54	-60,0	262580,426	377459,883
São Tomé e Príncipe	231,856	19	3,7	242	77	-600,0	265,036	366,663
Senegal	17,763,163	18	4,3	92	52	-20,0	21125,872	32562,869
Serra Leoa	8,791,092	19	3,8	122	43	-4,0	10105,188	13595,023
Togo	9,053,799	19	4,1	166	44	-2,0	10558,178	15478,883
%	26,8	19,1	4,0	131	54	-60	26,9	26,7

GRUPO 4 – ÁFRICA CENTRAL + ÁFRICA ATLÂNTICA + REGIÃO DOS GRANDES LAGOS								
Angola	36,684,202	16	5,1	29	68	-1,0	44911,664	72328,068
Burundi	13,238,559	16	4,9	516	15	2,0	15800,53	24208,671
Congo	6,106,869	18	4	18	70	-1,0	7114,987	10378,911
Gabão	2,436,566	22	3,4	9	85	1,0	2774,522	3757,053
R. D. do Congo	102,262,808	16	6,1	45	46	-15,0	127582,053	217494,004
Ruanda	14,094,683	19	3,7	571	18	-9,0	16375,704	23030,046
Uganda	48,582,334	16	4,4	243	29	-126,2	58380,262	87622,081
Zâmbia	20,569,737	17	4,2	28	46	-5,0	24676,418	37460,435
%	16,8	17,5	4,5	182,4	47,1	-19,3	17,4	19,2

GRUPO 5 – ESPAÇO DA ÁFRICA AUSTRAL								
África do Sul	60,414,495	28	2,3	50	69	58,5	64659,278	73529,753
Botsuana	2,675,352	24	2,7	5	69	3,0	2972,271	3679,34
Lesoto	2,330,318	22	2,9	77	31	-4,0	2501,946	2898,368
Malawi	20,931,751	17	3,8	222	19	-6,0	24944,243	37159,3
Namíbia	2,604,172	21	3,2	3	60	-3,9	2910,056	3779,918
Suazilândia	1,210,822	22	2,8	70	31	-5,3	1305,985	1655,122
%	6,1	22,3	3,0	71,2	46,5	7,1	5,8	4,9

GRUPO 6 – ÁFRICA ORIENTAL								
Cômoros	852,075	20	3,8	458	33	-2,0	959,412	1246,206
Madagáscar	30,325,732	19	3,7	52	40	-1,5	35604,443	51592,965
Maiyotte	335,995	17	4,3	896	40	0,0	407,579	664,141
Maurícias	1,300,557	37	1,4	641	40	0,0	1305,425	1226,235
Moçambique	33,897,354	17	4,5	43	40,00	-5,0	40920,707	63044,497
Quênia	55,100,586	20	3,2	97	31	-10,0	63103,942	85211,739
Reunião	981,796	34	2,2	393	93	-630,0	1031,822	1127,252
Seychelles	107,66	33	2,3	234	5	-200,0	111,317	116,644
Tanzânia	67,438,106	17	4,6	76	38	-40,0	81885,304	129931,521
Zimbabué	16,665,409	18	3,4	43	37	-10,0	19179,393	26438,588
%	14,2	23,2	3,3	293,3	39,7	-89,8	14,3	14,5

GRUPO 7 – CORNO DE ÁFRICA								
Djibouti	1,136,455	24	2,7	49	72	900,0	1247,129	1502,575
Eritreia	3,748,901	19	3,7	37	67	-15,3	4283,354	5964,021
Etiópia	126,527,060	19	4	127	22	-12,0	149296,378	214812,309
Somália	18,143,378	15	6,1	29	46	-30,0	22316,857	36462,83
Sudão	48,109,006	19	4,3	27	35	-10,0	56997,098	84494,269
%	13,6	19,2	4,2	53,8	48,4	166,5	13,7	13,8

Fonte: Elaboração dos autores com base em Worldometer, UNPFA, 2024.

Os dados da Tabela 1 evidenciam os contrastes entre o Sahel, a África Ocidental, Central e Atlântica *versus* a África do Norte, do Sul e Oriental. Desde logo em termos de peso percentual de cada um deles no total de população. Mais de 26% dos africanos reside na África Ocidental. A África Austral e a Saheliana representam 6,1% a 7,8% da população do continente, respetivamente, repartindo-se os restantes 60% de forma quase igualitária por quatro outras sub-regiões.

Os dados permitem também observar assimetrias significativas em termos de idade média da população residente, que oscilam entre um máximo de 28,7 anos na África do Norte e apenas 16 anos na África Saheliana e Sudão, como consequência dos níveis de fecundidade. Com efeito, o número médio de filhos por mulher (ISF – Índice Sintético de Fecundidade) é de 2,4 no Norte de África, próxima de não garantir a renovação das gerações (como já sucede na Tunísia), mas é estimado em mais do dobro (5,4) na região do Sahel e Sudão.

Existe igualmente uma relação direta positiva entre as regiões com ritmos de crescimento mais moderado, médias etárias mais elevadas e maior percentagem de população urbana, embora não se possa estabelecer uma relação causal entre os três vetores. Acresce a esta realidade a questão migratória. Os saldos migratórios parecem indicar uma menor repulsão nas zonas de maior percentagem urbana, embora tal não signifique forçosamente desenvolvimento económico ou qualidade de vida das populações urbanas. Não devemos esquecer que todo o continente africano está sujeito a fluxos migratórios intensos, que incluem uma percentagem crescente de migrantes forçados, sejam deslocados internos ou refugiados. Estes últimos procuram por norma países vizinhos, o que explica valores migratórios positivos improváveis em alguns casos – Benim e Uganda, por exemplo. Por seu turno, as ilhas são espaços onde os saldos migratórios são quase sempre de saída, sendo por vezes muito elevados – São Tomé e Príncipe, Reunião, Seychelles. O dinamismo económico explica os resultados positivos da África do Sul, que desde há muito atrai população de países vizinhos e de outros continentes.

Como consequência destas diferenças, o futuro do continente africano será marcado pelo crescimento absoluto da sua população e pelo aumento do seu peso relativo em termos mundiais. Em 2050, mesmo considerando um cenário de crescimento moderado, uma em cada quatro pessoas será africana. As sub-regiões dois e quatro terão quase o dobro dos residentes, as sub-regiões três, seis e sete registarão subidas de 65% a 70% e as sub-regiões um e cinco pouco mais de 30% (Tabela 2).

Tabela 2

África. Estimativas de População por Sub-Regiões, 2024-2050 (%) – Cenário Médio

SUB-REGIÕES	2024	2030	2050	Taxa Var. 2024-50 %
1	14,7	13,8	11,6	31,9
2	7,8	8,2	9,2	95,8
3	26,8	26,9	26,7	65,5
4	16,8	17,4	19,2	89,6
5	6,1	5,8	4,9	34,2
6	14,2	14,3	14,5	70,0
7	13,6	13,7	13,8	69,3

Fonte: Elaboração dos autores com base em UNPFA, 2024.

Esta visão simples esconde, no entanto, a diversidade interna de cada grupo de países, o que pode ser relevante caso essa diversidade coincida com os líderes demográficos intrarregionais. Referimo-nos aos nove grandes Estados africanos e ao modo como as suas características atuais irão condicionar futuros distintos e mudar a sua importância relativa na sub-região a que pertencem enquanto atores de âmbito continental ou mundial (Figura 5).

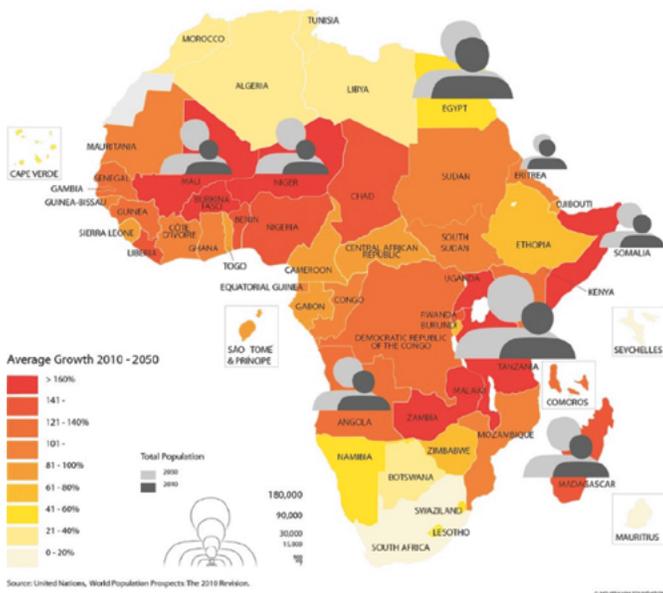
Em 2024, existe um gigante demográfico com quase 230 milhões de residentes – a Nigéria, o 6.º maior país do mundo –, três com mais de 100 milhões – Etiópia, Egito e República Democrática do Congo –, curiosamente todos em sub-regiões distintas, e cinco outros com volumes entre os 50 e os 70 milhões – Tanzânia, África do Sul, Quênia, Uganda e Sudão. Os grandes Estados africanos são, no entanto, distintos em termos de percentagem de população urbana, saldos migratórios, perfil etário e níveis de fecundidade. E será este último o fator determinante para que venham a ter futuros diferenciados.

O gigante nigeriano é o líder demográfico indiscutível do Grupo 3. Representa 57% do seu total e até 2050 manterá essa importância, devido ao aumento populacional previsto de cerca de 64,7%, embora ligeiramente inferior à média do grupo. O segundo gigante africano é a Etiópia, que corresponde a 64% do total de população no Grupo 7 e perde até 2050 apenas dois pontos percentuais (passa de 64% a 62,6%). No mesmo Grupo 7 figura o Sudão, que irá aumentar mais de 70% entre 2024 e meados do século, mas que corresponde a pouco mais de 24% do efetivo humano do grupo. O terceiro maior Estado é o Egito, com mais de 112 milhões de habitantes em 2024 e um aumento esperado de 40% até meados do século. Corresponde na atualidade a 52,3% do total de população do Grupo 1, valor percentual que deverá ascender a 55,5% em 2050. É, portanto, o líder indiscutível do Norte de

Figura 5

África. Estimativas de Crescimento Populacional (2010-2050)

Africa's Population Growth 2010-2050



Fonte: Spiegel online https://live.staticflickr.com/6054/6334485690_6e362e5fd4_b.jpg

África. O conjunto que inclui a África Central e Atlântica e a região dos Grandes Lagos tem dois grandes países, a República Democrática do Congo e o Uganda. O primeiro corresponde a 42% do total do Grupo 4 e irá representar 45,7% em 2050, na sequência da esperada duplicação do volume de residentes. Mais modesto, o Uganda acomoda em 2024 19,9% do grupo e irá descer 1,5% até 2050, malgrado continue a crescer. Outros dois grandes países africanos situam-se na sub-região da África Oriental: a Tanzânia, o 5.º maior país africano, e o Quênia, o 7.º. Prevê-se uma quase duplicação de efetivos (87%) no primeiro caso e um crescimento mais modesto no segundo (51,6%), o que permitirá uma subida relativa do peso da Tanzânia no contexto do Grupo 6 (em 2050 corresponderá a 36% do total do grupo) e uma descida do Quênia (de 26,5% atuais, para 23,6%). A 6.ª posição pertence à África do Sul, líder indiscutível do Grupo 5, onde representa dois terços do total de habitantes. Estima-se, no entanto, um aumento populacional de apenas 20,5% até 2050, facto que explica a descida da sua representatividade dos atuais 66,7% para 59,9%.

Vejamos em síntese:

		População	Idade Média	ISF	% Pop. Urbana	Saldo Migratório	% Var. Pop. 2024-50
1	Nigéria	223,804,632	17	5,1	54	-60,0	64,7
2	Etiópia	126,527,060	19	4,0	22	-12,0	65,6
3	Egipto	112,716,598	24	2,8	41	-30,0	40,1
4	R.D. do Congo	102,262,808	16	6,1	46	-15,0	105,9
5	Tanzânia	67,438,106	17	4,6	38	-40,0	87,2
6	África do Sul	60,414,495	28	2,3	69	58,5	20,5
7	Quênia	55,100,586	20	3,2	31	-10,0	51,6
8	Uganda	48,582,334	16	4,4	29	-126,2	75,5
9	Sudão	48,109,006	19	4,3	35	-10,0	71,2

5. Rede de Conetividade Global e Redes de Proximidade

Neste ponto procede-se a uma leitura analítica das relações geoeconómicas de uma amostra de países integrados em cada uma das sete sub-regiões identificadas anteriormente, incluindo, entre outros, aspetos relacionados com transações comerciais, de investimento, tecnológicas, de informação e comunicação, bem como de movimentação de efetivos. Utilizamos como base de informação os dados publicados pela DHL (*DHL Global Connectedness Index 2022*). O estudo criou fichas individuais para todos os países do mundo e estima o seu padrão de conectividade internacional, elencando ainda em cada caso os dez países do mundo com quem o respetivo país mantém maiores relações de carácter económico, populacional, informacional e outras.

A análise realizada com base nessa informação permitiu identificar duas tipologias de países africanos: aqueles que nas suas conexões geoeconómicas apresentam um perfil de relações com potências externas e privilegiam, nomeadamente de contactos com os EUA, a China, a Índia, os Emirados Árabes Unidos e o Reino Unido; e países que sustentam as suas relações externas numa rede com Estados vizinhos, designadamente os integrados na sua própria sub-região.

Adicionalmente, a Figura 6 retrata três níveis distintos no que respeita às dez maiores conexões externas nas relações entre estes três níveis:

1.º NÍVEL – ÀS PORTAS DE UM NOVO MUNDO – Este grupo inclui os Estados africanos que privilegiam de conexões com atores externos (EUA, República Popular da China, Índia). Falamos da **NIGÉRIA, ANGOLA, REP. DEMOCRÁTICA DO CONGO, QUÊNIA, TANZÂNIA E ÁFRICA DO SUL**.

Neste grupo, a **ÁFRICA DO SUL** é o único com uma forte conexão em termos de parcerias prioritárias com a maioria dos outros Estados do Grupo a que pertence.

2.º NÍVEL – AS ILHAS DO MUNDO – Constituído por Estados de menor dimensão (três insulares e três continentais), mantém também conexões privilegiadas com os EUA, a República Popular da China e a Índia. Referimo-nos à **SERRA LEOA, LIBÉRIA, GÂMBIA, CABO VERDE, MADAGÁSCAR E MAURÍCIAS**.

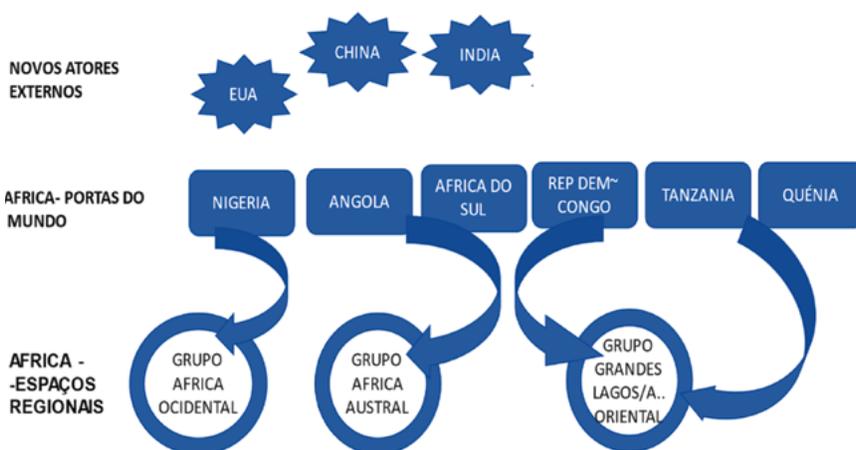
3.º NÍVEL – OS ESPAÇOS MACRORREGIONAIS AFRICANOS – Inclui Estados em cujas 10 maiores conexões predominam outros Estados africanos. Quase todos têm também conexões com os novos parceiros externos, embora com intensidade menor que o grupo do 1.º Nível. Neste conjunto de Estados podemos identificar três subgrupos regionais diferenciados: **África Ocidental** – Inclui a **COSTA DO MARFIM, NÍGER, BURKINA FASO, MALI, BENIN E TOGO**. Vários deles apresentam fortes conexões com a Nigéria, pertencente ao Grupo do 1.º Nível;

África Austral – Inclui **MOÇAMBIQUE, MALAWI, NAMÍBIA, BOTSUANA e ZIMBABWE**. Todos têm fortes conexões com a África do Sul e com a Tanzânia, pertencentes ao Grupo do 1.º Nível;

Grandes Lagos – Inclui o **UGANDA, RWANDA E BURUNDI**, Estados que apresentam fortes conexões com a República Democrática do Congo e com a Tanzânia e o Quênia, que pertencem ao Grupo do 1.º Nível.

Fonte: Elaboração dos autores com base em DHL, 2023.

Figura 6
África. A Rede de Conetividade Global



Fonte: Elaboração dos autores com base em DHL, 2023.

Revedo as sete sub-regiões inicialmente identificadas no ponto dois e sobrepondo a essa imagem a divisão decorrente da identificação da rede de conectividade, concluímos que os Estados do 1.º nível se incluem em apenas cinco sub-regiões:

3 – ÁFRICA OCIDENTAL

- Estado Inserido na Conetividade Global de África – NIGÉRIA.
- Estados Inseridos na rede macrorregional da África Ocidental – COSTA DO MARFIM, NÍGER, BURKINA FASO, MALI, BENIN e TOGO, podendo englobar-se também o GANA e quatro Ilhas do mundo, SERRA LEOA, LIBÉRIA, GÂMBIA E CABO VERDE.

4 – ÁFRICA CENTRAL + ÁFRICA ATLÂNTICA + REGIÃO DOS GRANDES LAGOS

- Estados Inseridos na Conetividade Global de África – ANGOLA e REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO.
- Estados inseridos na rede macrorregional – GABÃO, REPÚBLICA DO CONGO, RUANDA e BURUNDI.

5 – ESPAÇO DA ÁFRICA AUSTRAL

- Estados inseridos na Conetividade Global de África – ÁFRICA DO SUL .
- Estados inseridos na rede macrorregional – MOÇAMBIQUE, MALAWI, NAMÍBIA, BOTSWANA e ZIMBABWE.

6 – ÁFRICA ORIENTAL

- Estados inseridos na Conetividade Global de África – TANZÂNIA e QUÊNIA.
- Estados inseridos na rede macrorregional – UGANDA, RUANDA e BURUNDI (dupla pertença com macrorregião quatro).

7 – CORNO DE ÁFRICA

- Estados Inseridos na Conetividade Global de África – ETIÓPIA.
- A Etiópia não está incluída nas *Fichas Países do Relatório da DHL*, razão pela qual não surge nas listagens anteriores, mas vamos considerá-la neste exercício.
- Estados inseridos na rede Regional Corno de África – DJIBOUTI, SUDÃO DO SUL, ERITREIA e SOMÁLIA.

Vejam com maior precisão como estes novos atores interagem com a realidade africana, incluindo nesta análise a Federação Russa, que tem vindo a aumentar nas últimas décadas, e de forma muito clara, o seu interesse em se posicionar também como ator externo em África.

Esta transformação do padrão de relações externas dos Estados africanos pode ser comparada com outra realidade, que é a dos Estados observadores da CPLP. O interesse de atores políticos como os EUA, a Índia, o Japão, a Turquia e o Qatar por integrarem a coroa de Estados Observadores da CPLP deveria levar-nos a refletir sobre o papel do mundo lusófono no processo atual de transformação geopolítica e geoeconómica global, dando prioridade a África.

6. Atores Externos nas Sub-Regiões

Neste ponto vamos centrar a nossa análise em quatro atores, os dois primeiros mais direcionados para a concretização de projetos na área geoeconómica e os restantes dois empenhados em garantir uma presença em África na esfera da defesa e cooperação militar.

6.1. Geoeconomia, Tecnologias e Sociedade

6.1.1. EUA *versus* a China e a Índia

Os EUA têm privilegiado uma abordagem integrada e abrangente de relacionamento com África, centrada em diferentes áreas. Em 2022 presidiram a uma cimeira com líderes de vários Estados africanos, assinalando a intensificação dessa relação e da qual resultaram novos acordos bilaterais de comércio e investimento envolvendo dezenas de biliões de dólares.

A International Development Finance Corporation e o Department of Commerce foram responsáveis pela criação de um conjunto alargado de apoio a infraestruturas estratégicas e ao setor de pequenas e médias empresas. Amplos financiamentos foram alocados para garantir acesso a minerais críticos, bem como ao aumento da produtividade agrícola, incentivando inclusivamente práticas agrícolas climaticamente inteligentes. Visaram também a melhoria da oferta de cuidados de saúde.

A criação do *President's Advisory Council on doing business in Africa* (PAC -DBIA), com 18 novas recomendações para fortalecer a colaboração comercial em setores prioritários, dá conta da aposta e interesse americano na presença em África, de que um dos grandes momentos foi a celebração da parceria US-Kenya Strategic Trade and Investment Partnership.

Outro campo relevante consistiu na celebração de acordos de parceria em setores prioritários, como digitalização, tecnologias energéticas limpas e indústrias criativas. O lançamento da iniciativa *Digital Transformation with Africa* (DTA) foi um dos mais relevantes, mas podemos referir múltiplos projetos – nomeadamente a criação de novos Data Centers no Gana e no Quênia; a criação do Women in Digital Economy Fund, com envolvimento da Microsoft; ou o apoio à criação de PME na esfera do digital que os EUA estabeleceram com o governo da Costa do Marfim.

Na esfera do suporte dado a infraestruturas destaca-se a US Trade and Development Agency. O Presidente Biden escolheu o continente africano para o lançamento em maio de 2023 do primeiro grande projeto de apoio a corredores de transporte. De destacar, no âmbito da iniciativa *Partnership for Global Infrastructure and Investment*, o projeto destinado à modernização do caminho de ferro de Benguela e ao novo

terminal de minérios do porto do Lobito, reforçando a ligação ferroviária entre Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia.

6.1.2. A República Popular da China (RPC). Investimento em África

A China tem vindo a realizar avultados investimentos no continente, privilegiando duas áreas particulares de intervenção: em corredores ferroviários macro e intrarregionais e portos associados aos mesmos e em zonas económicas especiais e parques industriais.

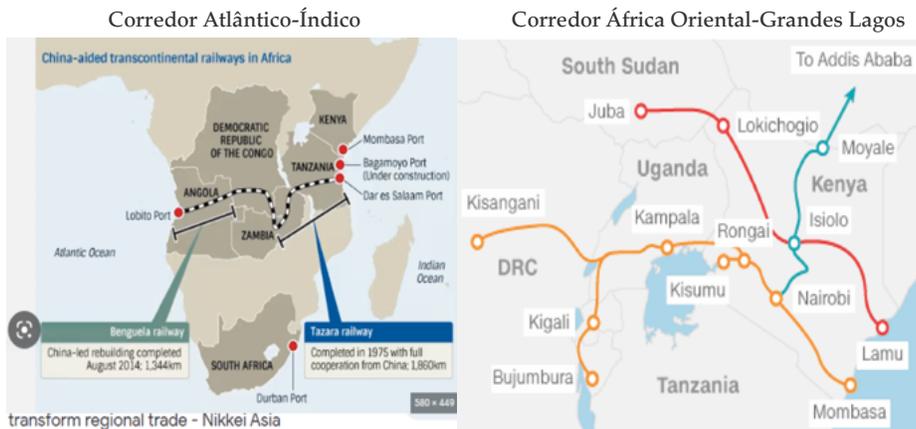
No respeitante à construção e modernização de corredores ferroviários, tem vindo a realizar um forte investimento na construção e modernização de corredores ferroviários a nível nacional – criando corredores centrados nas capitais – e em sub-regiões de África – com corredores que em vários casos estão associados à construção ou expansão de portos que permitem assegurar a interface do continente africano com os oceanos Atlântico e Índico. Estes corredores são construídos com financiamento chinês e a responsabilidade de construção está também entregue a firmas chinesas. Iremos destacar quatro desses investimentos. O primeiro na África Ocidental, onde a RPC se envolveu, na Nigéria, na construção da linha ferroviária Lagos-Ibadan, que liga a capital à segunda maior cidade do país e está vocacionada para o transporte de passageiros. Representou o maior projeto ferroviário do país desde a independência, e após falência da companhia ferroviária estatal.

O segundo investimento compreendeu o corredor ferroviário Atlântico-Índico (Figura 7). Este corredor tem uma natureza diferente dos restantes três, porque se destina a garantir acesso a uma sub-região mineira, que abrange parte da República Democrática do Congo (no Catanga) e a Zâmbia, encravadas no interior do continente. Garante acesso quer ao Oceano Atlântico, através de Angola e do caminho de ferro de Benguela, também ele renovado com investimento chinês; quer ao oceano Índico, através da Tanzânia e do TANZAM – projeto ferroviário apoiado pela China nos anos 70, que liga a Zâmbia aos portos na Tanzânia. Este corredor está a ser acompanhado pela construção de um novo porto na Tanzânia, o porto de Bagamoyo.

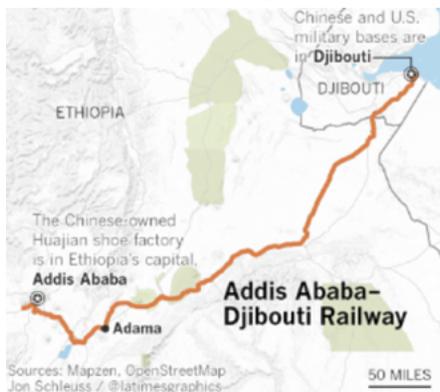
O corredor África Oriental e Grandes Lagos é o terceiro grande investimento. Além de ligar Nairobi, capital do Quênia, ao porto queniano de Mombaça, procura ligar o Quênia à África dos Grandes Lagos (Uganda, Ruanda e Burundi), chegando mesmo até à cidade de Kisangani, no norte da República Democrática do Congo, e desta forma conectando países situados mais no interior do continente através do oceano Índico. Por fim o investimento no Corno de África. Este corredor quando foi planeado destinava-se a ligar a capital da Etiópia, Addis Ababa, situada no interior do continente, com o porto de Djibouti no Corno de África, à entrada do Mar Vermelho, numa altura em que a independência da Eritreia – em choque com a Etiópia – cortava o acesso

Figura 7

África. Os Corredores Ferroviários Financiados pela RPC



Corredor Addis Ababa ao porto de Djibouti

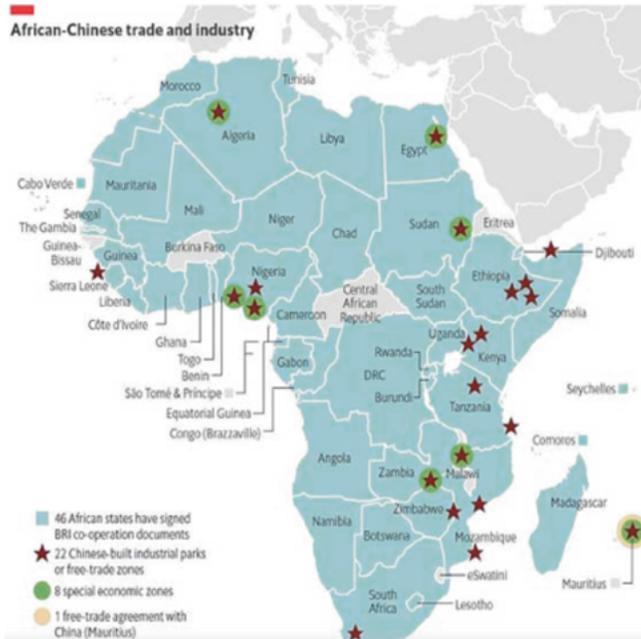


tradicional desta ao porto eritreu de Asmara – situação que se modificou, graças ao acordo de paz assinado entre os dois países.

Que retorno efetivo resultou destes investimentos, que envolveram montantes em rápido crescimento – de 75 milhões em 2003 para 27 mil milhões de dólares em 2019? A indústria de construção representava no ano de 2019 cerca de 30% do investimento total da China em África. Nestes projetos as empresas chinesas forneceram as locomotivas, adaptadas a mudanças de altitude de 2.000 metros e a temperaturas que podem atingir os 50 graus Celsius de dia e temperaturas geladas de noite. Uma das promessas que estes investimentos ferroviários se propuseram concretizar foi assegurar viagens confortáveis, com ar condicionado para o transporte de passageiros, muito necessário em várias regiões de África. No entanto, o número dos passageiros não

foi tão elevado como o previsto e o serviço nem sempre foi confiável em termos de horários. Contudo, o transporte de mercadorias representa uma parte significativa do potencial de longo prazo das novas ferrovias e pode vir a ser um ativo valioso para se conseguir desenvolver o comércio intracontinental em África (Fabio Scala, 2020). No que diz respeito às Zonas Económicas Especiais e Parques Industriais construídos pela China em África, a observação da Figura 8 testemunha a importância da Nigéria na África Ocidental, contando com a combinação de três zonas económicas com três parques industriais construídos pela China; da Etiópia no Corno de África, com três parques industriais construídos pela China; e de dois Estados da África Oriental com dois parques industriais construídos pela China, no Quênia e na Tanzânia. Da observação destas duas áreas de intervenção da China em África, investimento ferroviário e criação de zonas económicas, ressalta a estratégia de privilegiar o relacionamento com os países que, em cada sub-região, estão mais inseridos na conectividade global de África, tendo igualmente a preocupação de “desencravar” o núcleo mineiro no centro do continente – República Democrática do Congo e Zâmbia –, reforçando os acessos ferroviários a portos no Atlântico e no Índico.

Figura 8
Zonas Económicas Especiais e Infraestruturas Criadas e Construídas pela China para Captação e Localização de Investimento Externo



Fonte: Chinese Trade and Investment in Africa – The Economist Intelligence Unit.

6.1.3. Índia, África e Índico

A Índia é um dos cinco maiores investidores em África, com um investimento acumulado de 73,9 bilhões de dólares entre 1996 e 2022. Na verdade, a Índia e África têm uma já longa parceria baseada em valores partilhados e no bom relacionamento que a Índia tem com África. Refira-se que o comércio da Índia com África passou de 68,5 mil milhões de dólares em 2011-2012 para 90,5 mil milhões em 2022-2023.

Realizaram-se Cimeiras do Fórum Bilateral Índia-África a partir de 2008 (em Nova Dehli), 2011 (em Adis Abava), em 2015 (Nova Deli), esta última com a participação de 54 Estados africanos. A quarta cimeira do Fórum teve de ser adiada, devido à pandemia Covid-19. Em 2023 a Índia utilizou a sua presidência do G20 para garantir à União Africana (UA) o estatuto de membro permanente do G20.

A Índia promoveu ainda a criação de uma organização de integração regional no Índico, a IORA, que inclui membros da África Oriental, do Golfo Pérsico, do Indo-Pacífico (ASEAN e OCEANIA) e tem como Estados observadores os EUA, a China, o Reino Unido, França e Alemanha.

6.2. Segurança e Defesa – os EUA versus a Rússia

6.2.1. EUA em África, uma Intervenção Militar Poli Direcionada

Os EUA têm uma presença efetiva em termos geoeconómicos, à qual agregam ainda uma componente militar, talvez de ambas a mais distintiva. Em termos militares possui bases militares dispersas pelo território de África do Sahel, África Central e do Sul (Figura 9).

Através do *Africa Command*, os EUA apoiam os seus parceiros em África utilizando uma abordagem 3D, que envolve Diplomacia, Desenvolvimento e Defesa. Assim, enquanto as Embaixadas utilizam Diplomacia e Desenvolvimento no apoio aos governos africanos, o *Africa Command* ajuda esses governos na área da Defesa. E fá-lo ajudando-os a capacitar as suas Forças Armadas para combater extremismos violentos e para responder a crises, nomeadamente no âmbito da *Security and Safety*, garantindo aos seus povos funções-chave, como educação, emprego e cuidados de saúde. O apoio dos EUA à consolidação das Forças Armadas inclui treino, realização de exercícios, vendas de equipamento e outros serviços de cooperação em segurança, que ajudam os militares africanos a respeitar os governos civis, as leis da guerra e os Direitos Humanos (*Africa Command*, 2024).

Figura 9
Bases Militares Estrangeiras em África



Fonte: <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/images/2019-08-27-iss-today-foreign-military-map.png>

6.2.2. Rússia. Uma outra Forma de “Construir” Influência em África

A Rússia prolongou os relacionamentos criados no tempo da URSS, nomeadamente na África Austral e Oriental, e iniciou uma expansão em todo o Sahel e uma penetração na África Central. Tem procurado desenvolver a sua presença em África com base nas suas capacidades na área militar, mediante o estabelecimento de acordos de cooperação militar, venda de armamento e presença militar – inicialmente por via de grupos, como o Grupo Wagner, mas também com forças russas, como no caso recente do Níger (Figura 10). Em contrapartida desse tipo de intervenção tem procurado aceder de forma privilegiada a recursos mineiros e de obter facilidades militares.

...Voltando ao Princípio “África, um Continente do Mundo”

No início deste artigo referimos a transformação da África, no que designamos por “África, um continente do Mundo”, procurando chamar a atenção para a profunda transformação em curso das relações externas dos países africanos.

No ponto seis podemos identificar esta transformação, patente no reforço das relações de países africanos com países fora da Europa, incluindo os EUA, a China, a Índia e a Rússia, mas também os Emirados Árabes Unidos e a Turquia, pese embora se

Figura 10
Presença Militar Russa em África



trate de relações com diferente grau de importância a nível económico, tecnológico, político ou mesmo militar.

Nos próximos anos África continuará a ser um espaço de competição entre as grandes potências, nomeadamente as quatro que analisamos neste texto. No entanto, no horizonte temporal de 2030, permanece a incerteza no relativo ao seu vizinho mais próximo, a União Europeia, e ao modo como esta vier a reavaliar a importância de África no seu relacionamento externo.

Bibliografia

Al Jazeera, 2022. Mapping Africa's natural resources. Al Jazeera Staff, 15 Feb. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2018/2/20/mapping-africas-natural-resources>

Chakrabarty, M., 2024. Time for a new chapter in India-Africa relations. Observer Research Foundation. Published on Feb 08. Disponível em: <https://www.orfonline.org/expert-speak/time-for-a-new-chapter-in-india-africa-relations>

CPLP, 2019. *Documento Estratégico de Cooperação da CPLP 2020-2026*. Disponível em: R3_Orientacao-Estrategica-da-Cooperacao_Anexo-1_DEC_2020_2026_APROVADO%20(1).pdf

DHL, 2023. *DHL Global Connectedness Index 2022*. Na in-depth report on the state of globalization. Disponível em: <https://www.dhl.com/content/dam/dhl/global/delivered/documents/pdf/dhl-global-connectedness-index-2022-complete-report.pdf>

- Mapa político de África. Guia geográfico. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/paises-da-africa.htm>
- Partition of Africa, 2009. The Metropolitan Museum of Art, Heilbrunn Timeline of Art History. Disponível em: <https://www.blackpast.org/global-african-history/partition-africa/>
- Ribeiro, J. F., 2023. África -uma Breve Vista (Documento policopiado), Lisboa, FCG.
- Ribeiro, J. F., 2024. Reinos e Impérios em África antes da colonização Europeia – Um apontamento. (Documento policopiado), Lisboa, FCG.
- Scala, F., 2020, Africa Day is every day. Celebrating the socio-economic renaissance of the African continent, Opinion, Further Africa. 24 May 2024. Disponível em: <https://furtherafrica.com/2024/05/24/africa-day-is-every-day/>
- United States Africa Command. Disponível em: <https://www.africom.mil/>
- UNPFA, 2022. *World Population Prospects 2022*, Population Division. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/>
- US Government, 2022. Fact Sheet: Accelerating the US – Africa Partnership After the 2022 US – Africa Summit. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2022/06/08/fact-sheet-president-biden-announces-the-americas-partnership-for-economic-prosperity/>
- Worldometer. Disponível em: <https://www.worldometers.info/world-population/>